

DOS DIÁLOGOS (QUE NOS TRANSFORMAM) PELO CAMINHO

Ainda é escuro de manhãzinha, hora em que as ideias costumam me visitar com mais clareza. Neste diálogo que se processa aqui dentro entre o recém-vivido e o que tenho pela frente neste dia que se inicia, ecoam as ideias trazidas por Alexandra Moreira em seu artigo “Instantes que Transformam: vivenciando a postura dialógica”, publicado na edição de abril de 2025 da Revista Nova Perspectiva Sistêmica.

Esse texto chegou na véspera do aniversário de meu pai. Ele está vivo, está perto, e está longe. Os diferentes tipos de distância e a fragilidade dos vínculos se fazem presentes nesta encruzilhada de sensações e conceitos que Alexandra nos convida atravessar com sua prosa cativante.

Eu também sempre me interessei por ouvir histórias de vida. Essa escuta se apresentou a mim primeiro pelos corpos, depois pelas palavras. Nas memórias de meus primeiros finais de semana visitando parentes no interior, ainda está viva a perplexidade com a qual observava meus pais adotando um dialeto prosaico ao conversar com eles. Da mesma forma, percebia que, quando os adultos baixavam a voz e se aproximavam para dar sequência a uma conversa, é porque detalhes da vida de outra pessoa haviam se tornado o assunto principal.

Isso ia me dando pistas que falar sobre as coisas era algo muito complexo, repleto de códigos. Quando chegou a hora, recebi a alfabetização como uma bênção, algo que me permitiu escrever aquilo que eu não conseguia falar. Com a prática, fui me tornando fluente nisso, tomei o rumo da comunicação social. E, quando os desafios do casamento me testaram, entendi que somente escrevendo eu conseguia articular meus sentimentos represados.

É acessando esse vivido que aceito com alegria o convite de Alexandra para estabelecer este diálogo. E, neste momento, tomo a liberdade de chegar mais perto nos pronomes, como quem senta na sombra para aproveitar uma trégua do sol a pino e conversar frente a frente.

Ao descrever a passagem da sua primeira turma de formação em Lisboa, você me mostra que não é sobre falar, é sobre escutar. Em 2024, iniciei meu trajeto de pesquisa aqui em Santa Catarina. Na época, a inquietação que me movia era entender como a mulher vivenciava o prazer na maturidade. Ao concluir a fase exploratória da pesquisa-ação, um achado: o maior desafio do prazer para a mulher é falar sobre o seu próprio prazer.

E foi por aí que comecei a desenvolver os grupos focais para a segunda etapa da pesquisa. Na época, eu ainda não tinha a base de conhecimento que Shotter e os demais autores do Construcionismo Social Relacional nos legaram, apenas a intenção genuína de construir um tempo-espço seguro para que as co-pesquisadoras pudessem se expressar livremente.

E, ao invés de começar direto pelo tópico “prazer” – que é capaz de despertar desejo e aversão em igual medida – convidei todas a caminhar por um terreno conhecido: o

**JOICE CATARINA
SABATKE**¹

¹ Universidade do Vale do
Itajaí, Itajaí, SC, Brasil.

das suas histórias de vida. No primeiro encontro da pesquisa “Cultivando Biografias na Univali”, elas escolheram codinomes-flor e compartilharam as memórias da primavera de sua existência, os primeiros setênios, até os 21 anos de idade.

Nessa roda de partilhas, a palavra ganha corpo e nossas experiências de pesquisa também se entrelaçam. Você me explica que “somos expostos a situações críticas em que nossos corpos perdem facilmente a capacidade de conexão em vários níveis”, o que me faz lembrar do caminho de volta proposto por Lowen quando me contou que, para se chegar ao prazer genuíno, é preciso atravessar a barreira da dor.

Do que observei naquela sessão do grupo, posso relatar que muitos portais foram atravessados. Memórias dolorosas de infâncias foram revisitadas sob o amparo de um espaço dialógico, que – como você pontuou – “exigem mais determinação para serem gerados e, principalmente, para serem preservados”.

Vibrei no trecho em que você ousa lançar a provocativa pergunta que liberta: “quantos elementos são necessários para que essa certa ‘química’ possa ‘magicamente’ acontecer?”. Trago aqui as palavras de uma das co-pesquisadoras como pistas dos caminhos que podemos seguir na construção desta alquimia social:

Esta conversa foi bem desafiadora, mas o que não te desafia não te transforma. Eu sei o quanto falar e verbalizar é curativo. Tudo que a gente bota para fora, a gente cura. As coisas que a gente guarda, adoece. Quando começou, Meu Deus! Não deu para controlar as emoções. (Orquídea)

Com a bagagem que você traz, qualifica o que vivenciamos em nossa pesquisa: “há um ritmo, movimentos de conversação tranquilos e atenciosos, que possibilita a experiência integral e exteriorização de sentimentos enquanto estamos com o outro”. E vai chamando mais e mais vozes para se achegar conosco ao redor dessa mesa: um, dois, três, quatro, cinco... o sexto autor, Seikkula & Trimble, tempera: “as experiências que tinham sido armazenadas na memória do corpo como sintomas são ‘vaporizadas’ em palavras”.

E o que dizer da potência que reside no ato de escutar? Seu relato sobre o exercício “Escutando e sendo escutado” me atravessou umas três vezes, por experiências recentes e remotas. Reforçou minha certeza que os passos intuitivos da fase de pesquisa-ação merecem ecoar através do relato das mulheres:

Nossa, é muita coisa que a gente tem que processar. É muito difícil, é muito trauma de superação. De olhar a ferida de uma outra...e virar a chave (Amor-Perfeito).

Eu, quando escutava histórias de três ou quatro ali, eu sentia vontade de sair correndo abraçar e dizer: tô aqui (chora), tô aqui... (Azaléia).

Realmente, não saímos ilesos desses encontros da vida. Em que pese a responsabilidade da coordenadora ser continente às angústias do grupo no aqui-agora, mesmo que se passem muitos anos deste instante, seguirá reverberando em mim a profundidade desses momentos irrepetíveis:

Eu conversei com elas, assim... que é bem claro a importância de relações sadias que as mulheres assumem com seus parceiros. Todos os desastres da infância que a gente relatou aqui, foi claro, né? Os problemas relacionais entre pai e mãe. Todos, como se estruturam os seus filhos, ficou muito claro essa

importância da gente ter um bom parceiro, mesmo que isso não se torne um casamento, enfim, mas que esses homens assumam seus filhos, porque a gente vê as emoções de homens que não assumem as crianças e dá-se por isso. Então, todos esses problemas são relacionais, de parcerias que a gente estabelece. Todos... todos: “o meu pai, a minha mãe”. E ainda tem o (problema) financeiro, mas é um financeiro associado a um problema de violência, de droga, o emocional totalmente desestabilizado. Não é só financeiro. São os dois associados. (Amor-Perfeito).

Sim, Alexandra, diálogos nunca se encerram. Já anoitece novamente e estou certa de que levarei suas palavras para o sono e para meus sonhos. Levanto e sigo o meu caminho mais nutrida: a cada passo que dou no sentido de me tornar uma profissional dialógica, sinto-me menos angustiada e mais inteira com o ser humano que estou me transformando nesta segunda metade da vida. Que honra te encontrar pelo caminho!

REFERÊNCIAS

Moreira, A. R. (2025). Instantes que transformam: vivenciando a postura dialógica. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 34(81), p. 22-32.

JOICE CATARINA SABATKE

Atua como guardiã de histórias de vida no Cultivo de Biografias. Jornalista (UFSC) é pós-graduada em marketing (ESPM), gestão (USP) e direção de empresas (DOM CABRAL). Graduada em psicologia (UNIVALI), tem especialização em terapêutica neotântrica (COMUNNA METAMORFOSE) e desenvolvimento de grupos (SBDG).
<https://orcid.org/0009-0000-1053-6771>
E-mail: cultivodebiografias@gmail.com